



ISSN 2358-6060

DOI: <https://doi.org/10.5216/ac.v8i1.74198>

Marc Rölli *

Tradução de Wolfgang Pannek

CAPITALISMO E Esquizofrenia

Observações acerca do Anti-Édipo

Capitalism and Schizophrenia

Observations on Anti-Oedipus



ISSN 2358-6060

DOI: <https://doi.org/10.5216/ac.v8i1.74198>

RESUMO

Conferência de Marc Rölli proferida em 25 de maio de 2022, na abertura do III Seminário Internacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes da Cena, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena da Universidade Federal de Goiás, em comemoração aos cinquenta anos de publicação do *Anti-Édipo*, por Gilles Deleuze e Félix Guattari.

Palavras-chave: Anti-Édipo; Capitalismo; Esquizofrenia; Máquinas Desejantes.

ABSTRACT

Lecture by Marc Rölli given on May 25, 2022, at the opening of the III International Seminar on Research and Graduate Studies in Performing Arts, of the Graduate Program in Performing Arts at the Federal University of Goiás, in celebration of the fiftieth anniversary publication of *Anti-Oedipus*, by Gilles Deleuze and Félix Guattari.

Keywords: Anti-Oedipus; Capitalism; Schizophrenia; Desiring Machines.

Nota de Abertura do Editor

Este texto foi elaborado para apresentação oral e adaptado para publicação escrita. No formato aqui apresentado ele contém, em algumas passagens, explicações ou relações entre ideias, as quais são seguidas sempre das iniciais MR (Marc Rölli), quando se tratar de algo posto pelo próprio autor, NT (Nota do Tradutor) ou WP (Wolfgang Pannek), quando se tratar de uma nota ou explicação do tradutor sobre a questão posta pelo autor. Em apenas duas passagens foi usada a sigla NE (Nota do Editor), para esclarecimento específico de termos em latim, com referência à filosofia de Baruch Spinoza.

Quanto às obras de referência, foi possível estabelecer equivalência, adequando a numeração das páginas citadas com as da publicação brasileira de *O Anti-Édipo*, assim como com os *Manuscritos Econômicos*, de Karl Marx, a partir da transposição realizada pelo próprio tradutor. Para os demais livros citados, isso não se mostrou viável.

Por fim, sugerimos a leitura consecutiva do presente artigo e do texto da palestra de Wolfgang Pannek, *Do Desejo à Esquizopresença*, de modo a vislumbrar a conexão entre esta síntese do pensamento de Deleuze-Guattari-Rölli e as artes da cena, conforme abordagem da *Taanteatro Cia*.

Introdução

As máquinas desejanter não estão na nossa cabeça, na nossa imaginação, elas estão *nas próprias máquinas técnicas e sociais*. Nossa relação com as máquinas não é uma relação de invenção nem de imaginação, não somos pais cerebrais nem filhos disciplinados da máquina. É uma relação de povoamento: nós povoamos as máquinas sociais técnicas de máquinas sociais desejanter, e não podemos fazer de outra maneira. É ao mesmo tempo que devemos dizer o seguinte: as máquinas sociais técnicas são tão somente conglomerados de máquinas desejanter em condições molares historicamente determinadas; as máquinas desejanter são máquinas sociais e técnicas restituídas às suas condições moleculares determinantes. *Merz*, de Kurt Schwitters, é a última sílaba de *Komerz*. (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 524).

O *Anti-Édipo* (1972) de Guattari e Deleuze tem notoriamente o subtítulo "Capitalismo e Esquizofrenia 1". Seu foco está na abordagem da relação entre os dois – e, portanto, encontra-se no meio de discussões principalmente europeias sobre o chamado "Movimento 68", da revolta sobretudo estudantil desta época.

Nesse contexto, o *Maiô de Paris* não é um fenômeno isolado, mas ressoa com movimentos de protesto civil, por exemplo, contra a Guerra do Vietnã dos Estados Unidos, ou com uma vontade de democratização política, como na chamada *Primavera de Praga*. Em muitas abordagens teóricas da década de 1960, a importância da psicanálise para o redirecionamento da filosofia e da ciência críticas torna-se cada vez mais inconfundível. Freud surge ao lado de Marx, e supõe-se no inconsciente a existência de mecanismos sutis de repressão e recalque, que assumiram uma função ao mesmo tempo problemática e estabilizadora para os desenvolvimentos continuamente capitalistas do "mundo ocidental" após 1945.

A perspectiva psicanalítica no discurso político de esquerda parece atraente, sobretudo por ela possibilitar explicar de maneira nova as resistências às mudanças na luta de classes antecipadas por Marx (do ponto de vista histórico-filosófico). As experiências de alienação correspondem a um processo emancipatório estagnado. E a alienação sempre significa a perda da capacidade de ação – e, portanto, quase uma espécie de estrutura patológica: a de não estar consigo mesmo. A indústria cultural e a estética da consumação têm um poder sedutor espetacular que só se torna compreensível a partir da natureza psicológica do ser humano. Elas têm, por assim dizer, qualidades hipnotizantes, na medida em que pressupõem operações de recalque que vão junto com a aceitação de necessidades artificialmente despertadas. Portanto, não surpreende, por exemplo, a trajetória percorrida pelo *fetichismo*, termo emprestado da etnologia mais antiga, em sua aplicação posterior a Marx e Freud, às condições econômicas e psicológicas modernas.¹ E talvez tampouco surpreenda que há algum tempo a maré tenha mudado – e que agora a atitude negativa em relação ao fetichismo como um conceito de cultura ocupe o primeiro plano. Não é por acaso que as considerações de Bruno Latour acerca desse tema podem se apoiar no *Anti-Édipo*.²

Ao chegar nesse ponto, uma análise precisa talvez valha a pena. É óbvio que, no *Anti-Édipo*, o capitalismo e a esquizofrenia são tematizados justamente não de forma separada. É também nesse sentido que Marx e Freud se aproximam aqui. Mas fazem isso, diria

¹ O estabelecimento do conceito etnológico do *fetichismo* encontra-se em Charles de Brosses, *Ueber den Dienst der Fetischengötter oder Vergleichung der alten Religion Egyptens mit der heutigen Religion Nigritiens* (Sobre o serviço dos deuses fetichistas ou comparação da antiga religião do Egito com a religião atual da Nigricia) [1760], trad. v. Hermann A. Pistorius, Berlin, Stralsund 1785.

² “É que a psicanálise nunca falou tanto em Falo-Édipo-Castração do que em relação ao fetiche.” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 241).

eu, de uma nova maneira – e também neste fato reside uma provocação extraordinária que emanou do livro. Ele desrespeita os limites disciplinares estabelecidos numa medida que parecia intolerável a muitas/os representantes da teoria crítica, mas também de posições existencialistas ou hermenêuticas. Há nele um tom que faz estremecer o elemento de respeitabilidade da autoimagem elitista-acadêmica. A reverência à aura da erudição é posta de lado e o humor passa a desempenhar um papel importante – ou, em geral, um pensamento que já não parece necessariamente ser o da 'razão', com toda sua herança filosófica, ocidental, cristã-humanística. Mas é claro que estas são apenas algumas rotulações gerais e também enganadoras.

Portanto, pode ser útil esclarecer mais precisamente como o psíquico – ou também as tais doenças psíquicas – se relaciona com o (ou se tornou indistinguível do) social. Um ponto de fuga até mesmo da teoria crítica residia no reconhecimento da auto-relação psicológica individual do ser humano como internalização de condições sociais, em particular dos mecanismos de repressão caracterizados como capitalistas. E aqui está o ponto de partida do Anti-Édipo: “O desejo é máquina [...]. O desejo é da ordem da *produção*; toda produção é ao mesmo tempo desejante e social” (IBID, p. 390). A radicalidade desta tese reside não tanto na mera conexão de áreas separadas, mas em sua peculiar coexistência simultânea [seu ser-simultâneo]. Existe, conseqüentemente, um inconsciente social primário como agenciamento maquínico ou acoplamento. O que isso pode significar em particular é menos óbvio. É evidente, no entanto, que esta tese ocasiona um câmbio de perspectiva que acarreta mudanças em todos os níveis possíveis. Não apenas a psicanálise passa a estar sob ataque, mas também as convencionais classificações filosóficas do conhecimento, os

conceitos básicos das ciências históricas e sociais e até mesmo a própria teoria marxista do capitalismo aparecem sob um novo ponto de vista. De início, poder-se-ia dizer que no psíquico não se articulam simplesmente experiências de repressão social bem como resistências a ela, mas que processos maquínicos já enredados no campo social tomam forma nele.

Acerca de todos esses pontos, muito foi escrito nos últimos 50 anos. A seguir, eu me limitarei a um aspecto das máquinas do desejo. Guattari e Deleuze o abordam no contexto das tarefas positivas da esquizo-análise: “O que são as suas máquinas desejantes? O que faz você entrar nelas? O que faz você sair delas? Como isso funciona? Quais são os seus sexos não humanos?” (IBID, p. 426). Estas perguntas apontam para processos de subjetivação – e, portanto, para a figura ambivalente do *esquizo*, para sua posição como *personagem conceitual* ou também para o programa a ele associado de uma *politização da psiquiatria*. (cf. IBID, p. 424)³ De meu ponto de vista, no *esquizo* pode-se articular um devir minoritário que ecoa nas controvérsias contemporâneas do tipo queer-feminista e decolonizante. É possível que se descubra neste ponto uma atualidade anti-edipiana que resulta da crítica guattariana/deleuziana do capitalismo, de suas descrições das máquinas.

O que se segue está dividido em três partes. Primeiramente, serão explicados alguns dos pré-requisitos conceituais da máquina do desejo, indispensáveis à compreensão de seus processos de subjetivação. O que me interessa aqui, antes de tudo, é, digamos, o seu lado materialista. Em segundo lugar, investigam-se as relações que ligam a história da loucura ou da psiquiatria à (história) do capitalismo. E na terceira e última parte, é feita a tentativa de capturar

³ Os autores também abordam as *personagens conceituais* em *Was ist Philosophie?* [O que é filosofia?] (DELEUZE; GUATTARI, 1991, pp. 70-96).

algo das artes descritivas da subjetivação esquizofrênica, (algo) que não pode ser localizado simplesmente nas zonas de identidade críticas de desigualdades atualmente estabelecidas de “relações de classe e gênero”, bem como em estruturas coloniais transmitidas.

I.

Acabamos de ouvir: as máquinas do desejo pertencem à ordem da produção. Mas o que isso significa? Que distinção o conceito de produção ainda pode obter se ele deve ser entendido ao mesmo tempo como uma *produção desejante*, ou seja, como uma produção tanto do desejo quanto do desejado? Desejo que produz a si mesmo? Ou afinal apenas um desejo de ser desejado (livremente, segundo Alexandre Kojève)?

De antemão, só podemos dizer que as máquinas de desejo são chamadas como são chamadas porque a denominação pela qual são chamadas explica o processamento ou o funcionamento do desejo – ou seja, através da maneira como são produtivas. No que diz respeito ao *desejo*, destacam-se talvez três referências positivas no Anti-Édipo: em primeiro lugar, a ***cupiditas*⁴ de Spinoza, que deve ser entendida como um afeto primário** – e que está diretamente relacionada ao *conatus*⁵; em segundo lugar, **os processos-de-vontade-de-poder de Nietzsche**, que descrevem por sua vez um problema complexo que dificilmente pode ser considerado resolvido; e terceiro lugar, a *libido* de Freud, à qual voltarei brevemente mais

⁴ *Cupiditas* (ou desejo, em português) é um termo latim muito usado por Spinoza, autor de grande influência sobre Deleuze e Guattari. O termo é derivado de Cupido, a personificação do desejo. Cupido é, em linguagem personificada, um *daimon* (no sentido grego antigo), ou seja, um gênio, um ser de conexão entre a dimensão do nascer-morrer e a dimensão do eterno. Um ser liminar. (NE)

⁵ Também um termo latim e, no contexto de Spinoza, pode ser traduzido por *esforço*. (NE)

tarde. Nos três casos, uma referência maquínica não é facilmente identificável.

Para avançar aqui mais rapidamente, eu gostaria de sugerir uma consulta às reflexões de Marx sobre a produção. De fato, Guattari e Deleuze explicam as máquinas do desejo no primeiro capítulo de *O Anti-Édipo*, com a ajuda de três sínteses baseadas nas considerações de Marx sobre o conceito de produção, na introdução aos *Esboços [da crítica da economia política]*, ou seja, um texto redescoberto postumamente e publicado apenas em 1903. (Não tenho certeza da situação de pesquisa neste quesito, mas certamente não sou a primeira pessoa a reconhecer essa relação). Nas máquinas do desejo, o elemento produtivo desloca-se, a saber, na forma como seus mecanismos ou processos são descritos por meio de três sínteses.

Marx começa a entender a produção a partir de relações sociais diferenciadas. Com isso, ele se volta contra o que chama de economia burguesa (Adam Smith, John Stuart Mill), que acredita poder abstrair impunemente certas características da produção em geral. De seu ponto de vista, essa abordagem é problemática por generalizar as relações burguesas de forma não histórica e, ao mesmo tempo, por concentrar-se apenas em aspectos individuais das condições de produção que não contemplam fatores essenciais. Com seu direcionamento para a propriedade privada, por exemplo, torna-se, ao mesmo tempo, invisível de que maneira as relações políticas e jurídicas podem ser deduzidas das relações de produção. Marx resume essas considerações revisando a separação abstrata entre produção e distribuição. De fato, do seu ponto de vista, ela é responsável por marginalizar a dimensão histórica da economia. Se a distribuição for entendida como um momento de produção, torna-se

possível ter um olhar mais concreto sobre a produção socialmente (e não individualmente) determinada.⁶

Isso vale igualmente para a consumação (bem como para a troca respectivamente a circulação): ela não deve ser fixada separadamente da produção. De fato, a consumação produz a produção duas vezes: em primeiro lugar, através da atualização do produto, na medida em que, por exemplo, uma peça de roupa nada é se não for usada (= consumida); e, em segundo lugar, por ele ser a *força motriz interna da produção*, ou seja, sua premissa. (MARX, 2015, p. 26) Da mesma forma, a produção produz, por sua vez, a consumação: ela lhe fornece o material, sua *pulsão* e concreção social – “a produção cria então o consumidor”. (IBID, p. 27) A ordem de produção no sentido mais amplo ou “abrangente” contém então três elementos quase dialeticamente intermediados um como o outro: produção, distribuição, consumação. (IBID, p. 29)

Mas de que serve esta pequena digressão quando se trata de máquinas desejantes? A resposta é rápida: segundo Guattari e Deleuze, são conjuntos de três sínteses mutuamente enredadas. Eles são referidos como conectivas, disjuntivas e conjuntivas – ou também como (sínteses) de produção, distribuição (ou registro) e consumação. E, conforme dito, todas as três pertencem à ordem de produção. Em comparação com Marx, entretanto, as condições mudaram. Não se

⁶ “Na concepção mais superficial, a distribuição aparece como a distribuição dos produtos, e, assim como mais afastada da produção e quase autônoma em relação a ela. Mas antes de ser a distribuição de produtos, a distribuição é: 1. distribuição dos instrumentos de produção, e 2. [...] Distribuição dos membros da sociedade nos diversos tipos de produção [...]. A distribuição dos produtos é manifestamente apenas o resultado dessa distribuição que está incluída no próprio processo de produção e determina a articulação da produção” (MARX, 2015, p. 44). Aqui também poderiam ser citadas as considerações de Foucault sobre a nova posição da produção na análise do valor, na medida em que ele encontra nela (recorrendo a Ricardo e Marx) o especificamente moderno de um conhecimento econômico que se baseia na finitude fundamental do ser humano. Com ela “a historicidade” entra “no modo de ser da economia [...]: esta está em sua positividade [...] atrelada às produções que se sucedem no tempo”. (FOUCAULT, 1974, p. 313) [tradução ligeiramente alterada. MR]. (Ver também MARX, 2015, p. 279; DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 386).

trata apenas de uma economia diferente. Com as máquinas desejanças, as forças produtivas são reconceitualizadas; e elas se encontram em relações modificadas com as condições de produção que possivelmente as mantêm em xeque – em Marx essas relações eram as burguesas-capitalistas; no *O Anti-Édipo* fala-se da máquina social ou do sócio. Determinar essas relações com mais precisão é a tarefa declarada da esquizo-análise. Antecipando, eu poderia dizer que fluxos e cortes maquínicos são ligados conectivamente, separados disjuntivamente e consumidos, com efeitos de subjetivação, conjuntamente (Não se impressionem com a terminologia técnica.)

O deslocamento das sínteses baseadas em Marx para o campo da produção também é significativo. Lembrando: em *Diferença e Repetição* (1968), Deleuze também desenvolveu uma concepção de três sínteses, que, a partir de Kant e Heidegger, funcionavam como sínteses do tempo em processos de repetição – e, portanto, ao mesmo tempo: em subjetivações que atualizam relações virtuais. Aparentemente, as máquinas do desejo também se processam em repetições, mas estas não são mais localizadas no contexto da experiência, seguindo Kant, mas seguindo Marx, no da produção! Trata-se, porém, de sínteses, ou mais precisamente, de “sínteses passivas”. (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, pp. 35, 50, 419) Mas agora elas fazem parte de uma lógica maquínica. E isso sugere que seu modo de funcionamento não é controlado por uma mente ou uma outra instância que reivindica para si uma atividade superior. Em *O Anti-Édipo* aparece aqui sempre o discurso conhecido de Kant de um uso “legítimo” (ou imanente) ou “ilegítimo” (ou transcendente) não da razão, mas sim das sínteses.⁷ Essa distinção agora é usada

⁷ Talvez se possa falar aqui de uma abolição da distinção entre analítica e dialética – no sentido das classificações da *Crítica da Razão Pura*. Já em *Diferença e Repetição*, a síntese ativa (em Kant: do

para diferenciar, por um lado, a produção maquínica primária; por outro, a sua operação regulada. Guattari e Deleuze descrevem os dois lados também como molecular e molar (ou como micro e macrológicos).

Aqui está em ação uma operação filosófica que experimenta com uma nova imagem de pensamento, ou, como disse Deleuze ainda na década de 1960, com um pensamento sem imagem: máquinas do desejo. Elas são por direito diferentes de uma produção que pode ser entendida como um processo de apropriação por parte de um agente autorizado. As máquinas não são pessoas. Nesse sentido, Guattari e Deleuze falam de um “limite absoluto” que não pode ser localizado nos ambientes relativos de socialidades historicamente variáveis, embora não marque nenhuma diferença ontológica. (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, pp. 131, 225, 361)⁸ Isso remete à *História da loucura* (1961) de Foucault, obra em que a 'fronteira' tematiza a clássica distinção cartesiana entre razão e irracionalidade. No entanto, agora ela vem sendo reinterpretada na medida em que limita, sobretudo, o regime capitalista. por assim dizer, a partir de seu interior. O conceito de esquizofrenia, localizado nesta fronteira, exige um pensamento esquizo. E isso tem consequências. Engels e Marx distinguem entre os estágios históricos da formação econômica da sociedade – asiático, antigo, feudal, moderno-burguês, entre outros – e, ao mesmo tempo, almejam um futuro sem classes que surgirá dos antagonismos de suas condições contemporâneas. No terceiro capítulo de *O Anti-Édipo*, Guattari e

reconhecimento) foi concebida como um modelo da representação - de um uso não imanente da razão (cf. DELEUZE, 1992, pp. 174-180).

⁸ A ênfase na identidade ontológica visa especificamente evitar não qualquer distinção substancial entre áreas tradicionalmente separadas do ser (corpo vs. pensamento). No capítulo sobre "Geofilosofia" em *Was ist Philosophie?* (O que é a filosofia?), Guattari e Deleuze retomam a questão do limite absoluto acima mencionado, distinguindo entre fluxos relativos e absolutos de desterritorialização (cf. DELEUZE; GUATTARI, 1991, pp. 101-103).

Deleuze também desenvolvem uma tipologia histórica de várias máquinas sociais: a máquina territorial selvagem, a máquina despótica, o capitalismo civilizado. (cf. DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 177ss) Mas as máquinas do desejo não são de forma alguma uma máquina proletária do futuro, embora seja verdade que tenham um design revolucionário. Elas antes tendem a insistir em ambientes sociais diferentes e a mudar-se com eles. Por último, mas não menos importante, a figura do esquizofrênico é um produto capitalista, mesmo que justamente *não* se resuma a isso.

As máquinas do desejo nada mais são do que máquinas sociais moleculares, que, no entanto, sempre estabelecem relações com estruturas molares – entendidas como formações discursivas e socialmente uniformes, cuja totalidade reivindica ultrapassar e dominar as dimensões de seu (próprio) engendramento. Elas (as máquinas do desejo) são pensadas na ordem da produção como três sínteses que se opõem, em sua execução imanente, ao seu uso equivocado, [um uso] que, no entanto, não se estabeleceu de forma arbitrária, mas sim segundo o *sócio* – e atualmente, em particular, em dependência de condições capitalistas. Nesse sentido, Guattari e Deleuze falam do isolamento das “forças produtivas [qua tecnologia; MR] das condições sociais de sua aplicação” ou da “reversão de um elemento de produção em um mecanismo de consumação individual” – e entendem nisso, não por último, as fantasias de uma interioridade psicológica aparentemente separada. (IBID, p. 497, 499) Então, dito novamente, eles não defendem nem o isolamento das forças produtivas técnicas de suas máquinas sociais, nem a localização dos “elementos de produção” em uma internalização quase independente. Como se sabe, eles consideram a máquina do desejo como real (base): não como apenas simbólica ou apenas imaginária. Seu acoplamento (“fio maquínico”) absorve todas as

partes, incluindo técnicas e fantasias, e forma um conjunto heterogêneo de objetos parciais que interagem entre si. (IBID, p. 498)⁹ Conforme também escreve Marx na introdução aos *Grundrisse*, a “economia política [...] não é tecnologia”. As máquinas desejanças tampouco [são tecnologia], na medida em que entendem a tecnologia não como uma instância separada (ferramenta, projeção de órgãos, descarga), mas como parte de si mesmas – e, portanto, a partir de seu próprias. O técnico está ligado ao maquínico, que se direciona principalmente a uma dimensão microssocial que [por sua vez e], no sentido das sínteses passivas, não entroniza um sujeito com poder de ação, ainda que este seja o proletariado. Os meios de produção não são externos às relações de produção na medida em que cruzam o campo social segundo seus extremos molares e moleculares. As engrenagens de Man Ray ou os procedimentos de recursão de Tinguely são uma indicação de uma produção maquínica que não pode ser acomodada no triângulo familiar edipiano, mas que povoa libidinalmente e diretamente (isto é, inconscientemente) o meio social.

Do que se trata aqui? Se não é a psique individual que quer (deseja) algo, mas tampouco um inconsciente abstrato que formou uma unidade com as estruturas historicamente crescidas das máquinas sociais (como, por exemplo, a memória coletiva de uma cultura ou nação), o que resta então? Guattari e Deleuze falam de multiplicidades heterogêneas que operam de forma conectiva e disjuntiva dentro das infraestruturas, seus fluxos e cortes, ou seja, que se dissolvem e se unem no meio de um mundo complexo de acoplamentos coletivos móveis. Elas não podem ser compreendidas

⁹ Possivelmente, Guattari e Deleuze escolhem o termo “filó” porque desejam atribuir qualidades zoológicas à máquina (além de sociais, técnicas e psicológicas). “O complexo de humano-cavalo-arco representa uma máquina de guerra nômade nas condições da estepe.” (IBID, p. 498)

adequadamente dentro da estrutura das dicotomias tradicionais (natureza-cultura, mente-corpo). Talvez sejam corpos, mas corpos que pensam, sentem e fazem – e que não existem separadamente para si, mas sempre com ou contra outros [corpos], e associados às coisas mais diversas – e que se transformam nisso continuamente. Isso é pensado de modo esquizofrênico, uma vez que, de fato, em nosso presente prevalecem outras regras, imagens e representações que melhor atendem aos requisitos capitalistas. Elas [as máquinas desejanter] não dizem respeito à ideologia. Em vez disso, o desejo se traduz em ilusões objetivas de acordo com mecanismos de produção realmente invertidos, mas eles são invertidos somente a partir de uma perspectiva que se orienta de forma imanente de acordo com a produção maquínica e seus processos sintéticos.

II.

Guattari e Deleuze se perguntam desde o início: se “[é] correto dizer que a esquizofrenia é o produto da máquina capitalista [...]?” (IBID, p. 52) E eles respondem: “De fato, queremos dizer que o capitalismo no seu processo de produção produz uma formidável carga esquizofrênica sobre a qual ele faz incidir todo o peso de repressão, mas que não deixa de se reproduzir como limite do processo.” (IBID, p. 44) Por um lado, o capitalismo é definido como uma máquina de desterritorialização, que produz “com todas as suas forças [...] o esquizo como o sujeito dos fluxos descodificados” (IBID, idem); por outro lado, porém, em certo sentido não o consegue – “nós, na verdade, ainda não vimos nada” (IBID, p. 55) –, pois as tendências de desterritorialização reforçam, por sua vez e ao mesmo tempo, as da reterritorialização.

Essas considerações são explicadas com vistas a Engels e Marx. No *Manifesto Comunista* (1848), encontram-se as passagens conhecidas que retratam o capitalismo como um sistema imanente que se sobrepõe aos códigos tradicionais no curso de uma progressiva dissolução de fronteiras. Três aspectos devem ser enfatizadas aqui. Primeiro, um encontro de fluxos decodificados de dinheiro e trabalho. (IBID, p. 299) Sua conjunção significa que “o capital se apropria diretamente da produção.” (IBID, p. 300) A ela associada está uma dualidade monetária: de um lado, os meios de pagamento (no bolso do assalariado); de outro, os meios de finanças. “Não há qualquer medida comum entre o valor das empresas e o da força de trabalho dos assalariados [...]. Eis porque a baixa tendencial [a taxa de lucro; MR] não tem fim.” (IBID, p. 306) Para ela só existe um limite interno que se desloca ao ser ultrapassado – no sentido de uma expansão incessante das condições sociais de imanência relativas. “Este movimento de deslocamento pertence essencialmente à desterritorialização do capitalismo.” (IBID, p. 307) Em *O Anti-Édipo*, na esteira de Samir Amin, ele [este movimento, WP] é descrito como um processo “do centro para a periferia” (cf. SAMIR, 1970, p. 373). E esclarece-se que as estruturas coloniais garantem seu dinamismo. Em segundo lugar, enfoca-se a importância dos desenvolvimentos tecno-científicos que permitem a geração de mais-valia maquínica. É verdade que existe aqui um potencial técnico com capacidade de aceleração que põe em perigo as estruturas de poder aparentemente estáveis do sócio; mas, ao mesmo tempo, esse potencial não está isolado das máquinas do desejo e não pode ser liberado programaticamente em nome de hierarquias verticais e do planejamento objetivo. A tecnologia não pode ser controlada *per se* porque está integrada às multiplicidades heterogêneas e seus processos moleculares. “Toda vez que a tecnologia pretende agir por

si própria, ela toma uma coloração fascista [...].”(DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 528)¹⁰ Terceiro, é o estado que garante a realização contínua da mais-valia usando-a, por exemplo, para fins militares; isto é, a “anti-produção na produção” (IBID, p. 313). Guattari e Deleuze deixam bem claro que o liberalismo político sempre subestimou os efeitos de soberania das “condições estruturais” do chamado mercado livre garantidas pelo Estado. Ou, dito de outra forma: “O Estado capitalista é o regulador dos fluxos descodificados como tais, enquanto tomados na axiomática do capital.” (IBID, p. 344)

Todo esse esquema econômico é aos seus olhos “profundamente esquizo”. (IBID, p. 316) Isso se deve principalmente à mera quantidade de capital, que, como uma linha de lucro incessante, vem se desacoplando cada vez mais das condições de trabalho e de vida determinadas extra-economicamente. (IBID, pp. 330-331) Aqui nasce, por assim dizer, a loucura da especulação financeira, juntamente com um poder econômico equipado com uma tecnologia da informação que faz uso de certas estratégias de individualização e perverte abstratamente o desejo: “A pessoa deveio realmente ‘privada’, na medida em que deriva das quantidades abstratas quantidades [...] . Estas é que são marcadas, não mais as próprias pessoas: seu capital ou sua força de trabalho, o resto não tem importância”.¹¹ (IBID, pp. 332-333) No entanto, a distinção feita acima entre um limite relativo e um limite absoluto do capitalismo permanece intacta. Por um lado, a produção funciona

¹⁰ Inversamente, a mais-valia maquínica “não depende diretamente da ciência nem da técnica, mas sim do capital [...]” (IBID, p. 311). Com isso, uma objeção clara é formulada contra as teses, às vezes um tanto selvagens, do chamado aceleracionismo.

¹¹ [ênfase adicionada por Guattari e Deleuze; MR]. Neste ponto, já podemos adivinhar as considerações posteriores sobre a empresa de controle. Neste contexto, são menos importantes as explicações de Marx sobre o trabalho abstrato do que a descrição de Foucault das técnicas (neoliberais) de individualização, que não alienam o indivíduo de si mesmo, mas o produzem de uma forma peculiarmente abstrata.

como um fim em si mesma; por outro, ela serve ao capitalismo – oscilando entre “o significante despótico que ela adora e a figura esquizofrênica que [...] [a] arrasta”(DELEUZE; GUATTARI, 1991, p. 336). “Consequentemente, a esquizofrenia não constitui a identidade de capitalismo, mas sim a sua diferença” – e nisso reside o seu significado especial.

Repetidas vezes, Guattari e Deleuze falam em querer desenvolver uma “psiquiatria materialista”. (IBID, p. 38, 47) Eles se opõem à “fórmula trinitária” que visa reduzir a esquizofrenia à dissociação (Emil Kraepelin), ao autismo (Eugen Bleuler) ou a uma descrição fenomenológica de mundos de vida singulares (Ludwig Binswanger). (IBID, p. 39) Da mesma forma, deixam claro que a psicanálise, com sua edipalização do inconsciente, só dá continuidade aos desenvolvimentos da psiquiatria mais antiga, consideradas problemáticas por Foucault. (IBID, p. 70, 128) Eles se perguntam por que “a produção capitalista não cessa de interromper o processo esquizofrênico e de transformar o sujeito em uma entidade clínica” – ou por que “faz do esquizofrênico um doente”. (IBID, p. 326) Aparentemente, a história da psiquiatria e em particular também a história da patologia da loucura, das doenças mentais e, mais recentemente, da esquizofrenia, mantêm relações estreitas com as técnicas disciplinadoras que se tornaram tão poderosas no século XIX, por um lado, e, por outro, com a medicina social emergente junto com sua responsabilidade pela chamada saúde pública. A monstruosa loucura fornece, por assim dizer, um modelo para o surgimento de um conjunto confuso de “anormais”, cujo modo de existência é fixado com a ajuda de discursos antropológicos em sua pessoa individual, respectivamente em sua natureza característica ou também em suas relações familiares ou sociais (cf. FOUCAULT, 2003).

De forma um tanto esquemática, é possível distinguir três eixos de significação da esquizofrenia em *O Anti-Édipo*: ela marca um limite absoluto e, ao mesmo tempo, representa uma realidade clínica e ainda também socioeconômica. Mas, essa realidade não é tudo – melhor seria dizer que seu retrato esquizofrênico já contém um apontamento nítido para algo diferente que a precede, permitindo sua encenação crítica. Conforme dito, trata-se de um pensamento esquizóide. Mas o que esse pensamento pensa não é algo que o separa autisticamente do mundo: são, antes, os problemas reais que o impulsionam – e por meio disso estabelece-se uma referência às condições microssociológicas e à maneira como estas se refletem nos modos de produção das máquinas e de suas sínteses. Em última análise, as sínteses, em seu uso imanente, são pensadas de modo esquizóide: elas preparam um processo maquínico de multiplicidades heterogêneas e de conexões diferenciais, que por sua vez possui uma realidade que não é molar ou extensa, mas molecular ou intensa.

“A esquizofrenia como processo é a produção desejante, mas tal como ela é no fim, como limite da produção social determinado nas condições do capitalismo.” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 176) É, portanto, um caso ambivalente, na medida em que ela é marginal, mas devido a condições que a levaram ao limite. Em vez de limite, eu também poderia dizer: “puro limite” (cf. IBID, p.214), que já não marca uma fronteira geográfica, mas uma lógica diferente (das intensidades e não das extensões). E, de novo, são os viajantes esquizofrênicos de contextos literários ou artísticos aos quais é atestado que cruzam a fronteira, respectivamente, que rompem “a barreira capitalista.” (cf. IBID, p. 179) De fato, “a esquizofrenia é, ao mesmo tempo, o muro, a irrupção do muro e o fracasso desta irrupção.” (cf. IBID, p. 176) Não é a arte, ao contrário da clínica, que é a saída. Em vez disso, trata-se de evitar a tradução da produção do

desejo para o reino isolado da expressão subjetiva, de uma fantasia separada do real; ou, em outras palavras: evitar sua transformação em uma entidade "cultural" e, em vez disso, esbarrar na disfunção primária da produção de um inconsciente inteiramente social. "As máquinas desejantes desarranjadas, desarranjando-se constantemente."¹² (cf. IBID, p. 120)

III.

Ao mais tardar, desde o início da ordem psiquiátrica (por volta de 1800), a loucura foi considerada como absolutamente negativa e significa a perda da razão e da humanidade por meio da natureza moral. Êxtase, desinibição, excesso, excitação apaixonada e impulsividade, comportamento imoral ou vicioso, frenesi, fúria, confusão, perda da realidade, perigo, imprevisibilidade.¹³ Sua posição especial reside em um novo estatuto de imaturidade, que se instala com um tutor justificado do ponto de vista médico (e não jurídico): ou seja, um estatuto jurídico que emerge do isolamento terapêutico num instituto especial de psiquiatria por iniciativa dos médicos e não da/os doentes. Os motivos para a sua justificação talvez sejam principalmente a necessidade de controlar uma prática não regulamentada que, de forma exemplar, põe em perigo ou parece pôr em perigo a paz e a segurança públicas. Nas palavras de Robert Castel: "Em primeiro lugar, o movimento psiquiátrico visa eliminar a loucura como fonte de desordem da paisagem social."¹⁴ (CASTEL, 1979, p. 132) *A Nota sobre a monomania*, do famoso

¹² 'Cultura' em contraste com 'Sociedade' marca novamente um passo na abstração que está intimamente relacionada com as sínteses equivocadas das máquinas.

¹³ Uma certidão de nascimento desta ordem psiquiátrica pode ser encontrada no livro *Nosographie philosophique, ou la méthode de l'analyse appliquée à la médecine* (PINEL, 2019).

¹⁴ NT: minha tradução do alemão.

psiquiatra francês Jean-Étienne Esquirol, desenvolveu o conceito de “loucura sem delírio”, em que as aberrações da razão já não são totais, mas apenas “parciais”.¹⁵ Com este passo relaciona-se uma importante expansão da terapia psiquiátrica para questões das medicinas forense e social. Essa expansão tende a colocar a normalidade sob uma suspeita patologicamente informada, [isto é, de ser] apenas aparentemente normal – ou permanentemente ameaçada por desenvolvimentos patogênicos. Com o desenvolvimento de abordagens da fisiologia cerebral voltadas para uma deficiência orgânica, da teoria da degeneração e das perversões constitucionais, as implicações biopolíticas são reforçadas.¹⁶ O antigo tratamento moral da insanidade já não basta mais: a razão só não dá conta da insanidade. A normalidade encontra uma confirmação somente perante um tribunal de peritas/os encarregadas/os de certificar o que ela só já não pode garantir: de ser uma normalidade não apenas boa, mas também flexível. A prática de normalização precede assim a mera aplicação normativa de uma norma. Ela não deve ser confundida com a razão nem com a *irrazão* (irracionalidade) expressas na classificação das doenças mentais. As definições patológicas se desenvolvem a partir de um discurso psiquiátrico racional sobre fenômenos de perda de racionalidade. Portanto, elas diferem daquilo a que se referem. Guattari e Deleuze tiram proveito dessa diferença vendo as existências clínicas emergirem de processos descritos em estreita dependência das condições capitalistas, que, por sua vez, não são vistas dentro de seu próprio esquema

¹⁵ Jean-Étienne Esquirol, *Note sur la monomanie-homicide* (Nota sobre a monomania tipo homicídio), Paris 1827: Baillière.

¹⁶ Segundo Morel, a tarefa da psiquiatria é moralizar as massas e isso implica exercer um efeito positivo sobre vários fatores de degeneração (como, por exemplo., dieta e higiene, prostituição e taxa de suicídio, comportamento criminoso, consumo de álcool e doenças hereditárias) com base no entendimento médico das causalidades. (cf. MOREL, 2018)

epistêmico-representativo, mas obliquamente e desde debaixo, a partir de uma perspectiva esquizóide. (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 424) Através das inúmeras referências à arte e à literatura, visam precisamente: minar o discurso antropológico, ao chamar a atenção para algo maquinicamente real [ou uma realidade maquínica; WP] que se estrutura segundo uma lógica diferente. Sua coerência se mede, entre outras coisas, pela capacidade de contar a história do capitalismo de uma forma que descasque sua forma específica de poder, [a de ser], ao mesmo tempo, de captura e de exclusão, ou ainda, de acoplar campos heterogêneos (como administração, justiça, medicina e bem-estar público no contexto da história da psiquiatria). Deixar de jogar junto, neste ponto, pode denotar recusar-se, como Bartleby, ou sair de contextos de significado já não sustentáveis, como Lenz, sem já poder desenvolver uma alternativa positiva. Enquanto os modos de individualização, examinados, por exemplo, por Foucault no contexto de seus estudos sobre o dispositivo sexual, baseiam-se na combinação aparentemente bem-sucedida do bem-estar geral e individual, desde que a forma humana de internação clínica possa se legitimar por meio da justificativa médica, respectivamente, a estigmatização social por meio de medidas terapêuticas ou, pelo menos, de medidas de política de segurança - afirma-se na rejeição de identidades anormais impostas ou auto-impostas um potencial de resistência

Em *O Anti-Édipo*, esse potencial torna-se tema por meio da análise da produtividade das máquinas. Conforme já dito, Guattari e Deleuze distinguem duas maneiras de uso das sínteses, uma legítima (ou imanente) e uma ilegítima (ou transcendente). E as sínteses explicam como as máquinas trabalham ou funcionam. Já que não posso aqui explicar tudo isso, limito-me a dois pontos. Em primeiro lugar, o uso exclusivo da síntese disjuntiva é oposto ao seu uso

inclusivo e imanente. Nesse ponto, surgem "fantasmas" – ou uma patologia espectral. (IBID, p. 105) Eles não podem ser apreendidos por uma capacidade diferenciadora orientada pelas distinções disjuntivas estritas (ou-ou): nem homem nem mulher, nem morto nem vivo, nem filha/o nem mãe/pai, nem Deus nem humano, humano ou animal. Algo espectral, na medida em que embaralha as ordens (ou tipos lógicos, de acordo com Russell) e fica atrás de certas atualizações como um potencial virtual. A tese do *double bind* [duplo vínculo] apresentada por Gregory Bateson não é considerada "particularmente esquizofrenizante;"; em vez disso, a esquizofrenia é uma forma de escapar da alternativa presa no *double bind* (você é isso - ou você é aquilo?).¹⁷ (cf. IBID, p. 110) Em outras palavras, o duplo vínculo, junto com sua situação de impasse e falta de saída, reflete apenas o mecanismo exclusivo da síntese disjuntiva – e não explica sua emergência a partir das condições imanentes. A fala do gênero inumano sustenta-se precisamente neste estágio virtual, em que o esquema binário da diferença de gênero é simultaneamente subvertido e, no entanto, como tal, desenvolvido de acordo com uma forma de poder, a partir de algo que o precede.

No decorrer da discussão do uso imanente da síntese conjuntiva, alguns aspectos da esquizofrenia são precisados. Não se trata de sua forma clínica, mas sim de sua forma literária (Lenz, Nijinskij, Molloy). Guattari e Deleuze falam de intensidades vividas em um devir que corresponde às disjunções inclusivas. (cf. IBID, p. 437) Elas estão associadas a sensações que implicam em uma autopercepção afetiva – ou na autofruição (consumação) de um sujeito fragmentado e residual. Eles estão na base dos delírios psicóticos; são o seu "princípio de diferenciação" e fornecem-lhes o

¹⁷ Cf. BATESON, 1981, pp. 270ss. A teoria da esquizofrenia de Bateson já foi desenvolvida na década de 1950.

"material" necessário. (cf. IBID, p. 117) Os afetos se atualizam em campos de individuação, ou seja, em situações empíricas que resultam concretamente de agenciamentos maquínicos – e não em dependência de uma área isolada do individual-psicológico. Daí explica-se a magia dos nomes que conectam figuras históricas com a produção de quantidades intensas: o Grande Mogol de Schreber, o Heliogabal de Artaud, o Cristo de Nietzsche – ou também Ferdinando VIII de Gogol. (GOGOL, 2021, p. 28) Simulações, produzidas de forma real pela máquina do desejo.¹⁸ E da mesma maneira, explica-se o papel da falta ou indiferença romântica (o sentimento oceânico), da castração ou da fixação falocêntrica, que correspondem sempre a um uso transcendente e portanto ilegítimo das sínteses – fazendo com que uma rejeição no plano simbólico precise "reaparecer no real sob forma alucinatória." (IBID, p. 125)

De fato, uma estratégia perseguida em *O Anti-Édipo* consiste em abandonar o familialismo na psiquiatria e na psicanálise, através da parcialização das pessoas localizadas no triângulo edipiano – colocando seus fragmentos em contato direto com os mais diversos (histórica e socialmente relevantes) agentes. A tarefa da esquizanálise é "mostrar a existência de um investimento libidinal inconsciente da produção histórico-social". (cf. IBID, p. 135) E somente neste plano que é possível descobrir como a produção do desejo se relaciona com a [produção] social – e quais estruturas "repressivas" ela reproduz e respectivamente destrói. Em contraste com Freud, não é preciso falar de uma sublimação dessexualizante da libido. As aplicações edipianas dependem, por exemplo, das "determinações do grupo sujeitado [...] e do seu investimento libidinal" ou do uso

¹⁸ "Nas suas metamorfoses e passagens intensas, Schreber torna-se aluno dos jesuítas, burgomestre de uma cidade onde os alemães se batem contra os eslavos, a moça que defende a Alsácia contra os franceses; por fim [...] atravessa o gradiente ou limiar ariano para se tornar um príncipe mongol." (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 124).

segregativo da síntese conjuntiva de "sentimento nacionalista, religiosos, racista, e não o inverso." (cf. IBID, p. 142) Mas como é possível que realmente desejemos passar uma vida em escravidão e ignorância? (cf. IBID, p. 47) Por que algumas pessoas querem um líder político forte ou cada vez mais riquezas? Guattari e Deleuze respondem: "Há complexos econômico-sociais que também são verdadeiros complexos do inconsciente e que comunicam uma volúpia de alto a baixo em toda sua hierarquia [...]" (IBID, p. 143) Trata-se em seu caso de 'movimentos aparentes objetivos' que são tão reais quanto aparentes. Eles emergem do uso ilegítimo da síntese disjuntiva e de seu registro. E como as três sínteses não podem realmente ser separadas, a aparência objetiva não pode ser facilmente afastada e se encontra em meio ao real. (cf. IBID, p. 17, 28 / cf. MARX, 2015)

Por um lado, são elaborados vários paralogismos que explicam o uso ilegítimo ou transcendente das sínteses. Resumindo: "Os três erros sobre o desejo denominam-se: a falta, a lei e o significante." (cf. IBID, p. 152) Por outro lado, a partir de Wilhelm Reich, faz-se referência à repressão social e à sua relação com o recalque. (cf. IBID, pp. 156, 161-162) A lei sugere que na verdade queremos o que ela proíbe – e é por isso que nos sentimos culpados. De fato, "reprimir" significa, ao mesmo tempo, "distorcer" ou "desfigurar" o desejo. (cf. IBID, p. 156) E ele é desfigurado porque e na medida em que "pode pôr em questão a ordem estabelecida de uma sociedade". (cf. IBID, p. 158) Portanto, o recalque implica duas coisas: em primeiro lugar, ele internaliza as demandas sociais (o papel da família) e, em segundo lugar, ele cria uma imagem distorcida da produção de desejo (os impulsos instintivos incestuosos). Desse modo, a produção social se inscreve através do sócio (resp. a família) na superfície de registro do próprio desejo.

O processo esquizofrênico, por outro lado, é descrito como pura desterritorialização, que não pode ser confinada nos territórios do mundo moderno nem no complexo manicomial das doenças clínicas. Ela [a desterritorialização; WP] está intrinsecamente ligada à “produção em geral e sem distinção tal como aparece no capitalismo [...] para além dos sistemas determinados de representação.” (cf. IBID, p. 399) Porém, no capitalismo os fluxos decodificados são submetidos a uma regulação axiomática que opera com reterritorializações na “nova forma de uma representação subjetiva infinita”. (cf. IBID, p. 400) Isso significa impor uma totalidade estrutural às máquinas do desejo que as unifica molarmente. Resta então nada mais do que o resquício não integrável das linhas de fuga, um “fluxo particular, fluxo da loucura, assim definido porque ele é encarregado de representar tudo o que nos outros fluxos escapa à axiomática e às aplicações de reterritorialização.” (cf. IBID, p. 424) A psiquiatria materialista, por outro lado, visa deixar surgir uma “nova terra” do próprio movimento de desterritorialização – respectivamente, localizar ambientes terrestres nela [na desterritorialização; WP]. A loucura não representava mais a exclusão isolada, mas se combinaria em todos os níveis com um desejo produtivo [um desejo] que não seria axiomáticamente regulado pelo capital.

Guattari e Deleuze denominam esse “movimento esquizóide” da desterritorialização como uma “verdadeira política da psiquiatria ou da antipsiquiatria”. (cf. IBID, idem) Ela retoma considerações explicitadas desde o livro de Kafka (1975) por meio do conceito de devir-minoritário. Pois o resto excluído da representação transporta determinações minoritárias, justamente por não participar das características qualitativas do standard majoritário. Como resto, ele [o devir-minoritário; WP] indica apenas a exclusão – mas sua

posição minoritária encontra no pensamento esquizóide (o limite absoluto) um novo plano de imanência. Como vimos, as máquinas já estão funcionando antes de serem capturadas pelos ambientes sociais permeados por relações de poder. E a possibilidade de pensar de tal maneira depende de encontrar processos correspondentes de devir. Porque, do contrário, o poder especulativo do pensamento estaria perdido.

Em *O Anti-Édipo*, as posições artísticas e literárias ocupam o primeiro plano em termos quantitativos – e vêm sendo relacionadas, junto com reflexões acerca das máquinas do desejo incompatíveis com a axiomática do capital, aos fenômenos minoritários da esquizofrenia. Na mesma linha e em muitos lugares, as condições coloniais e patriarcais são abordadas ao mesmo tempo: por exemplo, "na construção maquínica e revolucionária das mulheres não-edípicas" (cf. IBID, p. 521) ou também no que diz respeito ao movimento "Pantera Negra". (cf. IBID, p. 501) (Em paralelo, são consideradas as estratégias de degradação de crianças e animais, ambos distanciados do ser humano racional.) Por fim, gostaria de abordar brevemente dois pontos: primeiro, o conceito dos sem-classe e, segundo, o do gênero desumano.

"Reler toda a história através da luta de classes é lê-la em função da burguesia como classe descodificante e descodificada. A burguesia é a *única* classe enquanto tal, na medida em que ela conduz a luta contra os códigos [casta, classes etc.; MR] e se confunde com a descodificação generalizada dos fluxos. A este título, ela basta para preencher o campo de imanência do capitalismo." (cf. IBID, p. 327) Para Guattari e Deleuze, os antagonismos de classe marxistas não são primordialmente relevantes. Do ponto de vista deles, o fator decisivo é se as máquinas desejantes são reguladas axiomáticamente ou não. Se o forem, então trata-se de uma questão de classe, na

medida em que a noção de classe resulta da descodificação de afiliações grupais tradicionais. A distinção relevante encontra-se, portanto, "entre a classe e os-fora-de-classe." (IBID, p. 338) Ou, em outras palavras, entre "os capitalistas e os esquizos". (IBID, idem) Os lucros, portanto, não libertam mais do que as nuvens ilusórias de riqueza e os devaneios criadas para os pobres podem alcançar: há sempre apenas uma busca permanente por "mais", sinalizando a submissão não às máquinas técnicas, mas, de forma mais geral, às máquinas sociais: "o burguesia dá o exemplo" (cf. IBID, p. 337) disso. Os lumpen, que não pertencem a nenhuma classe, escapam quase a uma representação que lhes garante os direitos de pessoas jurídicas e uma sã normalidade de pessoas sociais. Eles colocam em risco a paz social, na medida em que não estão dispostos à piedade e em que põem em questão o consenso social de trabalhar, casar, viver decentemente e de fazer uso do bom senso. Desse ponto de vista, as minorias não têm classe por não atenderem aos padrões qualitativos da norma majoritária estabelecida.

"Mas Marx fala de uma coisa ainda mais misteriosa: [ele diz] que a verdadeira diferença não está fundamentada entre os dois sexos dos seres humanos, mas entre o sexo humano e o "sexo não desumano". (IBID, p. 381 / cf. MARX, 2015, p. 292ss) Comparada à simples dualidade de homem e mulher trata-se de uma multiplicação da diferença que está na base das divisões molares em forma das singularidades moleculares das máquinas do desejo. (cf. MALABOU, 2020) Como combinações não-reguladas de multiplicidades afetivas, elas formam "uma transsexualidade microscópica em toda parte" que "subverte[m] a ordem estatística dos sexos." (cf. DELEUZE; GHUATTARI, 2010, p. 390) "Eis o que são as máquinas desejanças ou o sexo não humano: não um, nem mesmo dois, mas n sexos." (IBID, idem) Em *O Anti-Édipo*, ele [o sexo não humano; WP] é contraposto

à chamada “representação antropomórfica”, que está de acordo com as identidades sociais que são atribuídas aos humanos ou que o sujeito “atribui à sua própria sexualidade.” (IBID, idem)

Em ambos os casos, dos sem-classe e da polimorfologia sexual, o devir-minoritário é desenvolvido a partir da esquizofrenia. “A fórmula esquizo-analítica da revolução desejante será primeiramente esta: a cada um seus sexos.” (IBID, idem) Através de seus potenciais controladores, prolongados no “Édipo virtual”, o regime capitalista está vinculado a uma normalização. Esta [normalização, WP] pode ser formulada tanto em termos psiquiátricos quanto coloniais ou patriarcais. Em todo caso, ela pode ser decifrada no uso transcendente das sínteses. E ela se baseia em processos imanentes que manifestam no devir-minoritário a sua virulência.

REFERÊNCIAS

BATESON, Gregory. **Ökologie des Geistes**: anthropologische, psychologische, biologische und epistemologische perspektiven. Übersetzung Hans Günter Holl. Frankfurt: Suhrkamp, 1981.

CASTEL, Robert. **Die psychiatrische ordnung**. Das goldene Zeitalter des Irrenwesens. Übersetzung Ulrich Raulff. Frankfurt: Suhrkamp, 1979.

DELEUZE, Gilles. **Differenz und Wiederholung**. Übersetzung Joseph Vogl. Munich: Wilhelm Fink, 1992.

DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia 1. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Was ist philosophie?** Übersetzung Bern Schwibs und Joseph Vogl. Frankfurt: Suhrkamp Verlag AG; Neuauflage, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Die ordnung der dinge.** Übersetzung Ulrich Köppen. Frankfurt: Suhrkamp Verlag AG; Neuauflage, 1974.

FOUCAULT, Michel. **Die anormalen.** Vorlesungen am Collège de France (1974-1975) [1999], Übersetzung Michaela Ott, Konrad Honsel. Frankfurt: Suhrkamp Verlag AG; Neuauflage, 2003.

GOGOL, Nikolai. **Aufzeichnungen eines wahnsinnigen.** Übersetzung Alexander Eliasberg. Munich: Nikol, 2021.

MALABOU, Catherine. **Negierte lust: die klitoris denken.** Übersetzung Luzia Gast. Berlin: Diaphanes, 2020.

MARX, Karl. *Grundrisse: Manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política.* Tradução de Mario Duayer e Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MOREL, Bénédict A. **Traité des dégénérescences physique, intellectuelles et morales de l'espèce humaine.** Paris: HardPress, 2018.

PINEL, Philippe. **Nosographie philosophique ou la méthode de l'analyse appliquée à la médecine** [Éd 1797]. 2. Vols. Paris: Hachette Livre Bnf, 2019.

SAMIR, Amin. **L'Accumulation à l'échelle mondiale.** Paris: Anthropos, 1970.